

Joseph Ki-Zerbo, retrato de uma geração africana sob a influência colonial

Entrevista a Cheikh Hamidou Kane

Realizada por Francis Beng Nyamnjoh e Jean-Bernard Ouédraogo

Cheikh Hamidou Kane nasceu em 1928 em Matam, no Fouta senegalês. Escritor e administrador civil, assumiu a partir de 1960 responsabilidades governamentais no Senegal e em organizações internacionais. É o autor de um dos grandes clássicos da literatura africana francófona, *Aventure ambiguë* (Grande prêmio literário da África negra em 1962), na qual ele exprime as contradições das diferentes heranças da África contemporânea. Esta obra exprime bem, numa poderosa poética romanesca, a dificuldade de um projecto de conciliação do pensamento existencial africano com a cultura ocidental imposta pela colonização. Tal como se pode ler nesta entrevista, Cheikh Hamidou Kane faz parte dessa geração de africanos que se engajou na luta contra o colonialismo e que esteve definitivamente envolvida neste face a face trágico das culturas ocidentais e africanas. Recusando o impasse do afro-pessimismo ambiente, defensor obstinado de um “lugar verdadeiro e justo” da África neste mundo, Cheikh Hamidou Kane é um velho companheiro de luta e um amigo muito próximo de Joseph Ki-Zerbo. É actualmente presidente do Conselho de Administração da Enda-Tiers Monde.

CODESRIA Boletim (CB)

A seguir ao desaparecimento do professor Joseph Ki-Zerbo, o secretariado do Conselho decidiu dedicar-lhe um número especial do Boletim do CODESRIA. Para este número pareceu-nos importante ouvir a sua voz, você que é seu amigo, seu testemunho, sobre o percurso de Joseph Ki-Zerbo.

Cheikh Hamidou Kane (CHK)

Enquanto velho e antigo amigo, acreditei que o meu dever era de ir a Ougadougou quando a Jacqueline, a sua mulher, me informou do seu falecimento. Antes disso, tinha tratado de tudo para que ele fosse recebido no Senegal; na minha quali-

Cheikh Hamidou Kane
Enda-Tiers Monde
Dakar, Sénégal

dade de presidente da Enda-Tiers monde, tinha mandado organizar uma visita a Joseph aqui ao Senegal, mas ele já estava doente. Estava de volta da Argélia e fisicamente diminuído. Assim, não consegui trazê-lo à Universidade Gaston Berger de Saint-Louis. No entanto estivemos lá, com muitos intelectuais e universitários senegaleses para lhe prestar homenagem. Nessa ocasião, apresentámos o filme de Danny Kouyaté. Essa apresentação suscitou debates muito interessantes com os estudantes e os professores da Universidade Gaston Berger. Em seguida, voltámos aqui para Dakar, para a Casa da Cultura Douata Seck. Ele veio com a Jacqueline e conseguiu ter um diálogo muito rico com intelectuais senegaleses, professores e estudantes. Joseph era um velho amigo meu, e acho que essa amizade teceu-se e reforçou-se graças a três grandes pontos de convergência.

O primeiro é, creio eu, que ele e eu pertencemos a uma geração de africanos bem enraizados na sua identidade africana, na sua cultura africana. Tal como eu, Joseph falava muitas línguas africanas, como eu viveu no meio familiar, na família alargada, quer dizer o meio no qual a criança desperta para o conhecimento e para a consciência rodeada por duas ou três gerações de bisavós, avós e pais, pelo menos, e também pela família alargada, uma vez que a tradição não é que a criança seja educada simplesmente pelos pais biológicos. A criança era educada pelos seus pais, irmãos e irmãs do pai, os irmãos e irmãs da mãe. Era a escola mais fundamental, para as pessoas da nossa geração e das gerações anteriores, na medida em que mais tarde, a gerações que se seguiram não tiveram a felicidade nem a sorte,

devido à evolução social, de beneficiar dessa educação, dada, exercida, vigiada pela comunidade na sua totalidade. Isso é verdade para o meu caso, é verdade para o caso de Joseph e é infelizmente algo que não existe, que não existiu para as gerações seguintes e é uma falha considerável nos sistemas educativos actuais, de modo que os meus netos muitas vezes são os filhos de pais que não pertencem à mesma etnia, à mesma cultura de base, o que é uma coisa boa, mas ao mesmo tempo, esses pais por vezes não falam nenhuma das línguas nacionais africanas. Quando os pais falam essas línguas, os seus filhos não as falam. Muit rapidamente essas crianças são colocadas depois da pré-escola naquilo a que eu chamo a “escola estrangeira”. Assim, uma característica comum a mim, ao Joseph e a todos os da nossa geração, é que não fomos “desviados” da educação tradicional desde a pequena infância. Deste modo, estamos bastante conscientes da nossa identidade africana, não de modo teórico, mas de modo efectivo e vivido. Este traço de carácter nós partilhamos com os nossos mais velhos como os Amadou Mahtar Mbow, os Assane Seck, os Kéba Mbaye, Boubacar Telli Diallo antigo primeiro secretário-geral da Organização da Unidade Africana (OUA), só para citar alguns deles. Isso é uma primeira característica que nos é comum.

Uma segunda característica, é o facto de que quando chegámos à idade de ir à escola, a nossa ambição para nos formar era paradoxalmente entravada pelo colonizador. Antes de mais porque as escolas que existiam não eram quantitativamente suficientes. Quero com isto dizer que não havia uma minoria de crianças africanas que podia ir para a escola primária. As taxas de escolarização realizadas pelo colonizador eram muito baixas. E os que de entre os jovens africanos que tinham acesso à escola primária eram uma minoria. Por um lado, porque a escola, a rede escolar não era importante, e, por outro

lado, porque as sociedades africanas eram muitas vezes reticentes em mandar as suas crianças à escola. Elas recebavam justamente o facto de que ao mandar as crianças à escola, esta fizesse com que as crianças ficassem desviadas da sua cultura, da sua identidade.

Esta minoria que acedia à escola, o colonizador arranjava uma astúcia para a acantonar no ciclo primário, e talvez no ciclo primário superior, dado que havia uma pirâmide muito pontiaguda. Por exemplo, aqui no Senegal, aos postos administrativos daquilo que constituem hoje as sub-prefeituras, apenas existiam escolas primárias elementares. Para aceder à escola regional que levava ao Certificado de Estudos Primários Elementares, era preciso ir até aos postos administrativos dos círculos que eram doze. Depois destas escolas regionais de onde se saía munido com o Certificado de Estudos Primários Elementares, só havia a Escola Primária Superior. Aqui no Senegal ela estava em Saint-Louis. É a mesma estrutura educacional que se encontra em todas as colónias africanas da França. Quando se ultrapassava esse nível de Escola Primária Superior, chegava-se à Escola Normal que recebia os alunos vindos das Escolas Primárias Superiores das oito colónias da África Ocidental Francesa. Acima da Escola Normal foi criada a Escola Africana de Medicina, bem como escolas técnicas (Katibougou, etc.). Estes são os níveis superiores aos quais as elites africanas tinham acesso; elas não podiam ultrapassar esses níveis. Havia uma espécie de numerus clausus do colonizador que fazia com que o acesso ao ensino fosse medido, reservado. Aquele que acedia à escola não podia sonhar ser monitor de ensino ou professor primário, ou enfermeiro, ou parteira, ou médico africano. Era assim. Não se podia sonhar nem em ser professor do ensino secundário, nem ser professor diplomado, professor titular, médico, engenheiro de nível superior. Essas posições estavam reservadas ao colonizador. Faziam-nos acreditar que não éramos capazes intelectualmente de aceder a esses níveis de formação. E isso era verdadeiramente o desafio que estava muito evidente aos nossos olhos, essa espécie de desprezo intelectual no qual o colonizador pretendia manter-nos, essa espécie de complexo que ele pretendia inculcar-nos. Eu acho que é um dado importante de que a nossa geração estava muito consciente. As gerações anterior-

res tinham estado conscientes disso, uma vez que era ainda pior. Homens como Senghor e Alioune Diop que conseguiram ter acesso ao ensino superior podiam ser contados pelos dedos da mão. Dessas gerações que precederam as de Senghor e de Alioune Diop, há apenas dois ou três no Senegal que conseguiram escapar porque passaram como Léopold Sédar Senghor pelo seminário. É este desafio para a nossa geração que explica o combate renhido para ultrapassar essas barreiras, para ultrapassar esses limites. Era um combate para nós próprios, pela ambição pessoal, mas também um combate para defender a ideia de que o saber, a ciência e a inteligência não deviam ser um monopólio de que a nossa raça negra deveria ser excluída tal como o colonizador tentou fazer-nos acreditar nessa época, para nos manter na sujeição. É por isso que toda a nossa geração fez, no que nos diz respeito a cada um de nós individualmente, uma espécie de percurso do combatente para sair desse gueto intelectual no qual nos queriam conter. Poder-se-ia, ao olhar a biografia de cada um de nós, constatar o que foi esse percurso do combatente.

CB. *Justamente. Você fala de biografia, é verdade que se constata uma grande fraternidade entre todos os nomes que citou. Como é que essa fraternidade, quer dizer, como é que vocês se reconheceram mutuamente? Quando se pensa em particular em Ki-Zerbo, pergunta-se como é que vocês se reconheceram, em que ocasião, em que circunstâncias e como é que nasceu essa grande cumplidade?*

CHK. Absolutamente. Nós reconhecemos a partir do momento em que nos encontramos. Embora Joseph tenha vivido no Senegal no momento em que eu efectuava a segunda etapa do meu percurso de combatente, ou seja, a passagem da Escola Primária Superior de Blanchot (secção Escola dos Filhos de Chefes, isto é, a antiga “Escola dos Reféns”) no Liceu Van Vollenhoven de Dakar, acabei no final das contas por me encontrar com Ki-Zerbo apenas em França onde cheguei em Setembro de 1952, para efectuar a última etapa deste percurso: Faculdade de Direito, Sorbonne, classes preparatórias no Liceu Louis-le-Grand, Paris, Escola Nacional da França do Ultramar ou ENFOM (antiga “Escola colonial”). Reconheci-os antes de mais porque, tal como eu mas antes de mim, ele tinha conseguido “ultrapassar a

linha”, saltar o obstáculo: ela era um dos estudantes africanos mais conhecidos para ser provavelmente um dos primeiros titulares da Sorbonne. O segundo elemento que chamou a minha atenção reside no facto de que Joseph pertencia, como alguns estudantes africanos cristãos, a um movimento social militante, o da Juventude de Acção Cristã, acho eu. Nessa altura, a grande maioria dos estudantes africanos estava atraída pelas ideologias revolucionárias, nomeadamente marxistas. Foi o momento em que organizações políticas como o Partido Africano da Independência (PAI) nasceram. Este envolvimento dos estudantes africanos nesses movimentos revolucionários se compreendia na medida em que eles apelavam para uma luta anticolonialista e para a independência. Esta aspiração à independência e à revolução social era comum a todos os estudantes africanos. Um número cada vez maior de estudantes africanos de religião muçulmana partilhava esta aspiração à independência das colónias e a uma revolução social para mais prosperidade e justiça, sem poder acomodar-se à filosofia do materialismo histórico que não conseguiam conciliar com as suas convicções religiosas. Joseph Ki-Zerbo do Alto Volta, Albert Tévoédjré do Daomé são, entre outras coisas, estudantes africanos cristãos, os que mostraram que era possível conciliar a fé com a prática religiosa com um engajamento político e social militante. É por isso que quando Joseph Ki-Zerbo criou Movimento de Libertação Nacional (MLN) cujas palavras de ordem eram “Independência”, “Socialismo africano” e “Estados Unidos de África” nós nos reconhecemos em todas essas opções e aderimos a elas. Como acabámos de dizer, os estudantes africanos partilhavam a aspiração à libertação do jugo colonial dos seus países. Quanto à palavra de ordem do “socialismo africano”, ela inseria-se por um lado como contraponto de um socialismo materialista dito científico, e por outro lado, reclamava-se como um modelo socialista inspirado pelas tradições comunitárias existentes nas sociedades africanas, sendo importante revisitar e modernizar. No que diz respeito à aspiração à constituição dos Estados Unidos de África, parece-me que o MLN, mais do que os marxistas do PAL, estava consciente do facto de que a força do continente e a sua viabilidade assentavam principalmente na sua reunificação. O MLN sabia que os pequenos “Estados” em que pretendiam

tornar-se cada uma das antigas colónias eram armadilhas, não seriam viáveis. Desde essa altura o MLN, que era pela independência, militava para que essa independência fosse a das antigas Federações da África Ocidental e da África Equatorial, em vez daquelas 13 colónias que agrupavam essas federações. A Inglaterra tinha “balcanizado” menos as suas possessões coloniais africanas do que a França. O MLN militava para as duas federações resultantes da colonização francesa se unissem com as antigas colónias inglesas da África Ocidental, da África Oriental e todos os outros conjuntos de antigas colónias europeias em África, para constituir os Estados Unidos de África. No MLN nós pensávamos que a escolha política era mais viável, mais indispensável, mais urgente do que a de uma “independência imediata” na balcanização, na dispersão e na impotência.

Insisto muito sobre este ponto. Alguns de nós, no MLN, éramos de opinião que, mesmo que fosse preciso, era melhor recuar o acesso à independência do que precipitar-se para obtê-la imediatamente, de forma dispersa, pois tínhamos o sentimento muito forte de que era uma armadilha que nos preparavam. As pessoas do PAI diziam que era necessária a “independência imediata e o que resto havia de seguir-se”. Nós não estávamos convencidos disso e era isso o ponto de encontro muito forte entre Joseph Ki-Zerbo, eu e um número cada vez maior de aderentes ao MLN, nomeadamente senegaleses. Numa recente recensão de um livro dedicado pelos dominicanos ao R.P Lebreton e à sua missão a serviço do Senegal, Amady Aly Dieng escreve o seguinte: “Ele [este livro] ajuda também a compreender o apoio dado a Mamadou Dia pelo grupo de senegaleses membros do MLN criado em 1958 e dirigido por Joseph Ki-Zerbo, como Mamadou Touré, Daniel Cabou, Christian Valentin, Amadou Soe, Henri Senghor, Joseph Mathiam, Babacar Bâ, Cheikh Hamidou Kane”. Eu acrescentaria a esta lista senegaleses membros do MLN Abdourahmane Cissé, professor primário que se tornou jornalista, Mbaye Mbengue futuro embaixador, Abdoulaye Wade, actual presidente da República do Senegal. Assim, foi dentro do MLN que se efectuou o meu segundo encontro substancial com Joseph Ki-Zerbo.

CB. Designou três vertentes, começou com a primeira, o de uma geração de africanos bem enraizados, e em segun-

do lugar forjado pela situação colonial e pelo seu sistema de educação então reservado a um punhado de africanos. O vosso combate contra este sistema mostrava que os africanos podiam chegar ao mesmo nível que os franceses. Em que consiste a terceira vertente que termina o quadro esboçado desta geração?

CHK. A terceira etapa é o nosso regresso à África. Dado que os graus universitários que ele tinha adquirido, todas as ambições eram possíveis a Ki-Zerbo a nível do Governo Geral. Nós tínhamos felicitado por Joseph, no estádio em que estávamos do desenvolvimento do MLN, ter a possibilidade de voltar, pois tínhamos feito o máximo de recrutamento do MLN entre os estudantes em França, não tínhamos ainda começado a implantar-nos realmente em África.

Aqui no Senegal tínhamos uma secção MLN que era dirigida na época por Mbaye Mbengue que era um sindicalista, que mais tarde se veio a tornar diplomata e embaixador. E um outro militante que era um jornalista que se chamava Adourahmane Cissé. Eram esses dois que animavam a secção MLN do Senegal e nos tínhamos pensado que quando Joseph fosse colocado aqui em Dakar isso constituiria para ele uma ocasião para reforçar a secção senegalesa, para criar secções nas 8 antigas colónias da África Ocidental Francesa, para recrutar estudantes da Universidade de Dakar, etc. Foi depois desse regresso de Joseph à África que houve o referendo de Setembro de 1958, o voto negativo por Sékou Touré e a decisão dos franceses de puni-lo. O sangue apenas deu uma virada nas veias de alguns quadros africanos, de entre Joseph, que decidiram largar tudo para ir para a Guiné socorrer Sékou Touré e a Guiné. Eu estava em profundo desacordo com Joseph em relação a esta questão. Tenho ainda cartas que trocámos. Tinha duas razões para me opor à ideia da sua partida para Conacri: a primeira é que me parecia que enraizar o MLN aqui e nos outros territórios era mais importante do que ir para a Guiné. A segunda razão, é que eu desconfiei sempre de Sékou Touré. Desde há muito tempo tinha percebido, claro algumas das qualidades do homem, mas também os seus defeitos, e em particular o seu, como direi? a força das suas certezas que nem sempre são sustentadas, o seu autoritarismo, o facto de que ele não ultrapassou o Certificado de Estudos e que alimentava um sério comple-

xo contra todos os intelectuais. Para além disso, considerava que como muitos líderes sindicais ou políticos negros, ele tinha de algum modo sido instrumentalizado pelo partido comunista.

Alguns sectores do Partido Comunista Francês tinham a tendência de utilizar os líderes africanos, sindicais e políticos, um pouco como uma massa de manobra na sua luta contra os seus adversários franceses para o triunfo da causa proletária, da luta de classes. Eles utilizavam-nos com esta finalidade muito mais do que para a conquista da sua independência. O Partido Comunista Francês tinha criado para eles estruturas de formação, os grupos comunistas de estudos, que lhes tinham dado uma coloração revolucionária marxista que muitos não se aprofundaram para poderem apropriar-se verdadeiramente.

As gerações anteriores como as de Lamine Senghor que tinham começado a perceber este facto, tinham-se recusado a se deixarem utilizar como massa de manobra, porque tinham compreendido que a revolução, o triunfo do proletariado não resolveria totalmente o problema do anticolonialismo, nem da tomada de consciência da identidade negra. Um homem como Césaire acabou por tomar a sua independência. Está ainda na memória de todos da sua famosa apóstrofe a Depestre para o exortar a não aceitar que nenhuma imposição do “realismo socialista” limitasse a inspiração do poeta negro: “Não ligués Depestre! Não ligués e deixa falar Aragon!”. Ele dizia de certo modo a Depestre: “Deixa-te inspirar pelas tuas convicções de negro, de poeta, mais do que pela causa da defesa do proletariado”. Esta lavagem cerebral contra a qual Césaire advertia Depestre, eu tinha o sentimento de que Sékou Touré também a tinha sofrido muito no domínio da luta política revolucionária. Eu receava que Sékou Touré levasse a Guiné para um impasse e os meus pressentimentos confirmaram-se. Joseph Ki-Zerbo e todos os quadros intelectuais africanos, de entre os quais muitos senegaleses, que tinham ficado a seu lado, não tardaram a ter a amarga experiência.

CB. Qual era o argumento de Ki-Zerbo para ir para a Guiné apesar dos seus conselhos?

CHK. Joseph como disse, deixou-se levar pela vontade de enfrentar o desafio lançado à África. Ele não tinha compreendido o perigo que representava Sékou

Touré. Eu tinha dito a Joseph que em vez de ir ele próprio, nós podíamos escolher de entre os nossos camaradas, pessoas que tinham acabado os seus estudos e que podiam ir para a Guiné representar o MLN. Em relação a ele, com o papel histórico que devia ter enquanto fundador do MLN, devia permanecer em Dakar, ficar disponível para a causa. Mas pronto, ele não aceitou isso. Foi e lamentou isso imenso. De resto, eu disse-lhe quando nos encontramos muitos anos depois.

CB. *E se você voltasse ao período que evocou há pouco, à situação colonial. Disse que a sua geração sofria com isso, mas qual era a reacção da própria colonização em relação a vocês, como é que o colonialismo reagiu em relação a vocês e a essa época?*

CHK. Olhe, aí eu posso talvez falar da minha experiência pessoal. Como lhe disse, a minha família estava reticente a que eu fosse à escola. No final, ela ultrapassou essa reticência e muito rapidamente eu quis ultrapassar a barreira que representava o sistema da época. Quando eu obtive o meu Certificado de Estudos, quis entrar para o liceu. Havia dois liceus para toda a África Ocidental Francesa que estavam em Saint-Louis, o Liceu Faidherbe e em Dakar, o Liceu Van Vollenhoven. Acontece que esses liceus existiam para os filhos dos colonos brancos, eram alunos brancos e os negros eram uma minoria que para ter acesso era necessário que os pais tivessem os meios. O meu pai não tinha esses meios, portanto eu tive que fazer o concurso para ir para a Escola Primária Superior Blanchot, secção Filhos de Chefes. Era a antiga “Escola dos Reféns” criada por Faidherbe. Passei e tive sucesso no concurso na EPS, secção Filhos de Chefes.

A formação incluía um tronco comum de três anos para todos os alunos da EPS, seguida de um quarto ano de especialização para os Filhos de Chefes. Os alunos da EPS que passavam no concurso iam para a Escola Normal. Mas para a secção Escola dos Filhos de Chefes, depois do quarto ano de especialização, os alunos eram colocados como secretários de administração indígenas junto dos seus pais chefes de cantões. Nós éramos sete nessa leva. Desde o segundo ano, eu tinha proposto aos meus condiscípulos que tentássemos conseguir para nós aulas de línguas estrangeiras, de ciências, etc., de maneira a ter o mesmo nível de formação

que os nossos amigos que estavam no Liceu Faidherbe ao lado.

Para tal, fizemos diligências junto da direcção da escola Blanchot que não quis ouvir nada. Eu comecei a emprestar livros aos meus amigos, os raros africanos do Liceu Faidherbe, de modo que em cada ano comparava o que lá se lhes ensinava com o que nos ensinavam no Blanchot e completava a minha formação. No final do quarto ano, colocaram as sete antigas alunas da Escola de Filhos de Chefes. A mim colocaram-me como secretário do meu avô que era chefe de cantão em Saldé no vale do rio Senegal. Naturalmente recusei-me a ir para lá. Os meus outros seis camaradas aceitaram, foram enviados como secretários dos seus avós chefes. Assim, no mês de Junho, saio do Blanchot, e em vez de ir ter com o meu avô, volto a Thiès onde o meu pai era funcionário. Comecei a trabalhar para poder entrar no Liceu Van Vollenhoven e “marrei”, como se dizia na época. Em Agosto vim com o meu pai aqui para Dakar para o Liceu Van Vollenhoven cujos provisor e censor, estavam de férias na França. Encontrámos lá o administrador e o meu pai disse-lhe que eu queria fazer todos os exames de passagem para a segunda classe, uma vez que depois do Certificado de Estudos tinha feito quatro anos na Escola Primária Superior; nós achávamos que eu tinha o nível para poder entrar para a segunda classe.

O senhor em causa olhou para o meu processo e disse-me que eu era demasiado velho para a segunda. Eu fiquei abatido, mas o meu pai pediu que eu fizesse os exames para a primeira classe. Efectivamente, inscreveram-me para fazer todos os exames de entrada na primeira.

Fiz os exames e, sorte a minha, passei. Entrei assim para o Liceu Van Vollenhoven como aluno da primeira classe.

Devo dizer que, em Junho antes de sair do Blanchot, tinha ido ver o provisor que era um francês naturalmente, para lhe pedir que me desse o meu processo escolar. Ele recusou terminantemente a pretexto de que, devendo eu ir para o meu local de colocação em Saldé, já não precisava do meu processo escolar. Tive que falar com um dos meus tios que era escriturário em Saint-Louis que lhe explicou que eu queria esse processo escolar porque me propunha inscrever-me no Liceu Van Vollenhoven. Quando, ao responder à minha questão, o meu tio lhe disse que eu

queria entrar na segunda classe, ele desatou a rir e disse-lhe: “eu sou provisor, professor do ensino secundário, eu sei o que ensinaram ao seu sobrinho e você diz-me que ele quer ir para a segunda classe. Não vale a pena, não perca o seu tempo, é uma insensatez. O meu tio deu um murro na mesa, insistiu e deram-lhe o meu processo, o que apresentei no Liceu Van Vollenhoven.

Veja que no dia da entrada para o “Vanvo”, o provisor do Blanchot veio a Dakar para ver os seus colegas professores de Vanvo. No momento em que os alunos se juntavam no pátio para irem para as suas respectivas turmas, o meu perseguidor do Blanchot viu-me, perguntou o que é que eu fazia ali, e obtive a confirmação do censor de Vanvo que realmente eu tinha sido admitido na primeira classe. Ele deu meia volta e foi-se embora. Mas mesmo assim não me deixou em paz. Assim fui para a primeira. Depois de algum tempo, fazia parte da associação dos alunos senegaleses do liceu. Nós tínhamos desencadeado uma greve pela melhoria da comida diária no internato do liceu. O provisor convocou os cabecilhas, onde eu me incluía, bem como Abdou Moumouni do Níger (futuro professor titular de Ciências Físicas), e outros. Deu-nos um raspanete, mas aceitou melhorar o menu. Quando estávamos a sair, ele disse-me para ficar. “Você é o Sr. Kane, devia ficar sossegado, disse-me ele, porque você é um funcionário, está num outro meio aqui, você deveria estar em Saldé”. O meu perseguidor do Blanchot tinha continuado a bombardear o liceu com cartas para reclamar o meu reenvio. Escrevi logo uma carta ao Governador do Senegal, que, na altura era um antilhano de nome Wiltord para lhe comunicar a minha situação. Ele respondeu-me felicitando-me pelas minhas “proezas” e para me informar sobre a decisão que ele acabava de tomar de prorrogar a bolsa que eu tinha na Escola de Filhos de Chefes até ao final dos meus estudos superiores se eu conseguisse entrar na Escola Nacional da França Ultramarina e eu comprometi-me servir como administrador da França Ultramarina durante pelo menos dez anos. Assim, depois de ter o meu diploma do ensino secundário e um primeiro certificado de bacharelato em direito em Dakar, bem como o Propedêutico de Letras, tive uma bolsa para ir para o Liceu Louis-le-Grand, preparar a Escola da França Ultramarina, acabar o bacharelato de direito, um

bacharelato de filosofia, fazer e passar no concurso de entrada na ENFOM. Foi este o meu percurso de combatente. Não lhe facto pelo facto de, como eu era o representante dos alunos senegaleses do Liceu Van Vollenhoven, fazia parte do conselho de disciplina do estabelecimento. Havia um representante dos alunos negros e um representante dos alunos brancos. Quando me encontrei perante o caso de um aluno negro, percebi o desprezo que os professores, que de resto eu admirava, tinham por nós! Havia professores de ciências físicas, de ciências naturais e de outras disciplinas onde eu bebia as palavras quando eles ensinavam. Quando eu via as atitudes racistas e de desprezo que eles demonstravam de cada vez que o caso tratado era de um negro, ficava abatido! São situações semelhantes que fizeram a minha educação e eu acho que cada um de nós, nesta geração, viveu situações como essa. De resto, quando se lê o que diz Senghor na sua passagem pelo seminário, vê-se um pouco de que maneira ele percebeu esse comportamento de superioridade, de condescendência por parte dos padres.

CB-Que mensagem acha que o seu amigo Ki-Zerbo teria lançado aos jovens africanos de hoje?

CHK. Essas mensagens lêem-se em tudo aquilo que ele escreveu. Mas, em particular, estão bem resumidas na entrevista publicada com o título *À quand l'Afrique?* Os conselhos de Joseph Ki-Zerbo são que os jovens africanos devem tomar consciência da sua identidade, daquilo a que ele chama a "endogenia". Não devemos deixar que aquilo que aprendemos na escola moderna nos faça esquecer a nossa identidade. Não podemos deixar, por exemplo, que o facto de se aprender a falar e escrever bem francês, inglês, português, espanhol, nos faça esquecer de falar pular, mooré. Que a abertura para a modernidade não oculte o nosso enraizamento, não nos faça esquecer as nossas identidades, as nossas línguas, as nossas culturas, os nossos valores endógenos, as nossas realidades ecológicas e outras coisas. Esta é provavelmente uma das lições principais que ele daria à juventude africana. Uma segunda lição seria que nós realizemos a unidade africana, os Estados Unidos de África. Ele estava convencido que os 53 ou 54 "Estados" actuais, tal como eles se apresentam em África, não fossem viáveis. E era preciso substituir a esta dispersão um retorno à unidade africana.

Mesmo que esta unidade não fosse mais do que um retorno às entidades políticas que antecederam a balcanização ou à divisão do continente pela Conferência de Berlim. Mesmo um retorno às entidades políticas pré-coloniais teria sido preferível a preservação dos 54 Estados actuais. Mais ainda, não nos deveríamos contentar com este retorno aos *satus* quo anterior à colonização. Nós deveríamos ir para uma organização moderna da unidade africana, os Estados Unidos de África, por exemplo.

Joseph escreveu que a África ocidental, e nomeadamente o antigo Império do Mali, tinha dado já no século XIII um modelo de coexistência entre etnias diferentes, clãs diferentes, patronímicos diferentes, províncias diferentes. Ele disse palavras muito fortes nessa entrevista *À quand l'Afrique?* Ele diz que já desde o século XII o Império do Mali deu o exemplo, um dos melhores exemplos, de um modelo de organização federal e que era necessário inspirar-se nele actualmente em relação à maneira como nós devemos conduzir a unidade africana. Isso é provavelmente o que Joseph Ki-Zerbo teria desejado. Mesmo assim, Joseph não se opõe, ao contrário, a uma coexistência entre a África e o resto do mundo. Ele indicou em que condições essa coexistência se deveria fazer. Em relação a isso, apenas posso aconselhar as jovens gerações a lerem esta entrevista de Joseph para saberem quais são a lições que ele dá.

CB. Quando se lança um olhar retrospectivo do seu percurso, não lhe acontece de vez em quando compará-lo aos descritos na *Aventure ambiguë*?

CHK. Sim, sim certamente. Todo o percurso descrito na *Aventure ambiguë* apresenta um eixo comum: o da nossa identidade africana negra, confrontada a outras correntes intelectuais, religiosas, etc. que nós tentámos percorrer. São esses percursos de historiadores, juristas, administradores, homens de ciência, etc., esses itinerários religiosos de cristãos, muçulmanos, etc. que são evocados na *Aventure ambiguë*. É o percurso dos africanos da nossa geração e das gerações seguintes. Pode-se ser professor de ciências, professor de história, médico, etc., pode-se ser muçulmano, cristão, pensador livre, etc., mas é preciso conciliar isso com as suas identidades africanas. Não falo de uma identidade que continua fixa no passado. Não digo isso, mas que é preci-

so inspirar-se nesse passado, recorrer a esse passado. Não digo um retorno às fontes, mas um recurso às fontes.

CB. Pode-se avançar um pouco e abordar agora o período depois das independências? Qual era a atitude de Ki-Zerbo e do MLN durante os anos das independências africanas até hoje?

CHK. Sim, os receios que eu tinha quando me opus à partida de Joseph para a Guiné confirmaram-se. Se tivesse conseguido enraizar o MLN na altura das independências, ter-se-ia tido um partido federal pan-africano que teria conseguido, como nós tentámos fazer com os antigos do MLN aqui no Senegal, ter a sua palavra a dizer nos diversos governos pós-independência, e que teria tido a sua palavra a dizer na administração, na concepção das políticas de desenvolvimento, na maneira de aplicar o socialismo africano da postulação teórica à sua implementação. Se nós tivéssemos disposto desse Partido Federal, teríamos conseguido discutir com os outros partidos no poder as suas políticas nos domínios da educação, do desenvolvimento económico e social.

No MLN tínhamos quadros que respeitavam, que tinham feito estudos brilhantes e sérios. Para dar algumas ilustrações, deve-se lembrar o papel jogado por Joseph, entre outros, na redacção da História Geral de África, no lançamento e na direcção do CAMES. Deve-se lembrar também a participação dos quadros do MLN na exigência iniciada no Senegal pelo tandem Dia-Senghor e a equipa *Économie et Humanisme*.

Ao deixar Conacri, Ki-Zerbo refreou ao Alto Volta onde, na minha opinião, ficou refém num ambiente político dominado pelos aliados do presidente da RDA, Félix Houphouët-Boigny e onde o número de quadros do MLN não era tão significativa como no Senegal. Joseph Ki-Zerbo viu-se num outro contexto, e assim eu acho que ele teve que enfrentar uma parte mais forte no Alto Volta. Penso também que ele não recebeu na época, e muito pelo contrário, o apoio de um homem que era determinante em todas essas regiões, estou a falar de Houphouët-Boigny.

Houphouët desconfiava de Joseph e preferia lidar com homens como Maurice Yaméogo, presidente da república. O combate de Joseph pelo MLN no Alto Volta estava impedido à partida por esse contexto. Thomas Sankara e os jovens militares que tomaram o poder mais tarde e cri-

aram o Burkina Faso também não podiam acomodar-se a uma personalidade e um partido político que não se colocasse sob a sua estrita obediência. A sua polícia política urdiu um complot destinado a tomar a sua pessoa, complot esse ao qual ele escapou por um triz, vindo-se refugiar no Senegal.

CB. *Você disse no início que tinha a ambição de sair do gueto intelectual no qual a colonização o tinha fechado? Ao olhar, como há pouco, para o seu itinerário enquanto geração, você pensa hoje que abriu algumas brechas nesse gueto intelectual? Senão, porquê?*

CHK. Sim, nós abrimos brechas, claro está, na medida em que nos libertámos dos limites nos quais eles queriam fechar-nos. Quando se pensa na produção intelectual das pessoas dessa geração, vê-se tudo o que fizeram, as suas memórias, as suas teses de doutoramento, o seu envolvimento nos governos dos países nos quais se encontravam, a sua contribuição nas Nações Unidas, a parte importante que eles tomaram na redacção da história geral de África, as contribuições que uns e outros conseguiram dar para as reformas do ensino, etc.

CB. *São contribuições, digamos, quase individuais, será que se pode imaginar um balanço da geração? Numa entrevista recente alguém disse que você é um homem do passado e você retorquiu-lhe: “as pessoas que disseram isso são pessoas que não chegaram, são não-chegados”.*

CHK. Esse gracejo não é meu, mas de Amadou Hampâté Bâ. Foi ele que retorquiu que os que dizem que da nossa geração que estamos “ultrapassados” são pessoas que “ainda não chegaram” ao nosso nível de consciência identitária. Aquilo que eu sonho é que as novas gerações, não apenas cheguem ao nível intelectual a que nós chegámos, mas que também alcancem o nível de consciência identitária que nós tínhamos dada a educação que recebemos, a nossa impregnação na cultura africana, dado que vivemos nesta família alargada, nesta cultura africana. Ora, muitas vezes, eles não chegaram a esse nível, é isso que Amadou Hampâté Bâ quis dizer.

O facto de nos tornarmos bons engenheiros, bons professores de ciências físicas, bons médicos, etc., não pode custar-nos deixar de falar pular ou malinké. Isso não nos deve levar a nos amputarmos da cul-

tura africana, da tradição africana, dos valores sociais africanos. Infelizmente, muitas vezes é assim. Tudo acontece como se aprender-se isso lhe faça esquecer aquilo, e como eu disse na *Aventure ambiguë*, será que o que se aprende vale o que se esquece? Será que o que se aprende vale aquilo que se esquece?

CB. *O facto de, para um intelectual africano, ter um passaporte francês, possuir um doutoramento francês, ter todos esses trunfos que a civilização moderna colonial dá, favorece uma certa visibilidade, pode-se mesmo falar de um certo poder, num sentido da superioridade, mas esse intelectual precisa de enunciar um discurso sobre a identidade africana, mas geralmente é um discurso vazio no qual ele não acredita, mas é importante porque isso dá-lhe uma aparência africana ao mesmo tempo que ele conserva o privilégio da pertença ao mundo dos guarnecidos. Acredita que no caso dos africanos, dos intelectuais africanos, esse duplo discurso existe?*

CHK. Sim, isso é possível, mas é uma posição que não é sustentável. Pode-se e deve-se com certeza ter a ambição de conseguir a modernidade, de se guarnecer com os meios dessa modernidade. Não se deve renunciar a nenhum dos privilégios que a modernidade oferece e que se pode adquirir indo aprender no país deles. Mas ao mesmo tempo, o que eu digo é que não se deve subestimar ou subavaliar a necessidade de se apoiar nas suas verdadeiras raízes. É aí que as elites devem esforçar-se para elucidar bem esta identidade, porque apesar de tudo, a esmagadora maioria das populações africanas a sul do Sahara continua ainda a viver segundo esses códigos, essas normas. Os que falam francês, inglês, português, são uma minoria, não é? Ainda hoje, os que podem tirar proveito dessa modernidade são uma minoria. A massa mais importante continua ainda a falar as nossas línguas. Nós devemos-lhes ajudar a transcrever essas línguas, a escrevê-las, a lê-las de maneira a que eles não sejam obrigados como nós, quer a não falar as nossas línguas, quer não saber lê-las nem escrevê-las. Eu sonho sobre o que poderia ser uma literatura africana em língua pular, em língua wolof escrita por africanos que não terão que ser obrigados a passar seis ou sete anos da sua vida a aprender a ler ou escrever o francês. Estou persuadido que se fará aparecer mais a estética africana, o génio africano, gra-

ças a pessoas que terão sido formadas dessa maneira, e não graças a pessoas como eu que tiveram que passar 20 anos da sua vida antes de poder escrever um livro e exprimir-se claramente em francês. A mesma coisa em todos os domínios do saber. Tomemos o exemplo do que deve ser o regime do fundiário no direito positivo dos países africanos. Vê-se o que se passa aqui no Senegal actualmente. Senghor, no seu tempo, tinha dito que na tradição africana a terra não pode ser objecto de uma apropriação privativa como o ar e a água. Em muitas sociedades africanas, é a um senhor eminente das terras que a colectividade confiava, sob o seu controlo, a utilização das terras, propriedade de todos. Senghor tinha recomendado que a legislação fundiária moderna se inspirasse nessa regra e foi assim que foi concebida a Lei sobre o Domínio Nacional.

Mas como conciliar isso com a modernidade? Para que serve dizer-se que a terra, aqui no Cabo Verde, pertence aos lebus se o Estado senegalês cuja capital está em Dakar não tem a possibilidade de utilizar essas terras para o bem da comunidade, se homens de negócios que vêm para investir aqui não podem comprar pedaços de terra, revendê-las, utilizá-las, etc. É sobre isso que é preciso reflectir. De que maneira conciliar este elemento fundamental da cultura africana com a necessidade da modernidade. Eu considero que os juristas africanos devem reflectir sobre a questão de se saber como é que o direito positivo moderno pode inspirar-se na tradição, na cultura africana? O mesmo trabalho deve ser feito no que diz respeito à vida na cidade, ao ensino cívico. Joseph Ki-Zerbo tinha dito que a maneira como Império do Mali tinha organizado esse domínio, era um modelo desse género. Porque não inspirar-se nesse modelo para se determinar uma cidadania que ultrapassaria as fronteiras dos nossos “países actuais”?

CB. *Efectivamente, é aí que se chega à minha questão, e à preocupação de se sair do gueto em que se está fechado; obteve-se os diplomas, mas volta-se para o gueto, desta vez voluntariamente. Apesar de tudo o que adquiriram os intelectuais africanos, essa discordância entre a palavra e o acto mantém-se. O que é que explica esta discordância nos intelectuais africanos? Pronuncia-se um discurso que lhe pode enviar para o céu instantaneamente, mas o acto envia-o*

imediatamente para o inferno. O que é que explica isso?

CHK. Pois é! Eu não explico, mas é preciso denunciar essa situação. Há, talvez, explicações para esta incúria das elites africanas. Uma reside no nosso enfeudação a ideologias políticas dominantes. Essas ideologia marxista revolucionária à luz da qual qualquer explicação do mundo para nós, africanos, que se afastasse disso seria uma atitude reaccionária, retrógrada. O esforço que essas elites se impunham para penetrarem com explicações fornecidas por essas ideologias dominantes não tem equivalente quando se trata de procurar e avançar explicações que a realidade, a história e as especificidades culturais africanas podem propor.

De modo mais largo, pode-se considerar que não somente a esta grelha explicativa “política” que as nossas elites se dedicaram de corpo e alma. Tenho o sentimento de nós nos enfeudamos, como discípulos submetidos, às grelhas explicativas fornecidas pelos nossos senhores ocidentais, em todas as disciplinas: psicologia, sociologia, história, psiquiatria, etc. Cada vez que consideramos essas questões começamos por explicar qual deve ser a posição por explicar qual deve ser a posição dos nossos mestres ocidentais, sem ver como explicar com as nossas próprias realidades. É preciso desalienarmos desse ponto de vista.

Não digo que se deva rejeitar esses mestres, mas é preciso desalienarmos-nos deles. É preciso que cessemos de sofrer essa lavagem cerebral a que nos submeteu o nosso processo de formação na sua escola, para reconstruir e restaurar a nossa própria identidade. Eu não defendo um retorno ao um passado ido. Apelo a um recurso a esse passado para tirar ensinamentos susceptíveis de esclarecer o nosso presente e a nossa caminhada para a modernidade.

CB. Mas vamos talvez terminar com esta última pergunta. Com o professor Joseph Ki-Zerbo você partilha também uma preocupação importante em relação à educação para a libertação de África. Como é que vê o nosso futuro? Como é que vê o futuro de África hoje?

CHK. Eu sou um optimista, e esse optimismo tem fundamento. Basta simplesmente comparar o estado em que estávamos, em 1958-60, no final da era colonial, com a nossa situação presente. Foram percorridas muitas etapas. Pode não se ficar satisfeito. Temos mesmo o direito de não estarmos satisfeitos. Apesar de tudo, quando se vê os efectivos escolarizados hoje em relação ao eram no tempo colonial, quando se vê o número de liceus construídos, de universidades abertas, quando se verifica o existe em termos de instalações dos centros de saúde, de hospitais, o que foi realizado em termos de infra-estruturas rodoviárias, portuárias, aeroportuárias constata-se que, apesar de tudo muitas coisas foram realizadas. Seja lá como for, progredimos e vamos continuar a ir em frente. Mesmo que se possa considerar que as elites dirigentes actuais estão carentes, vê-se a maneira como a evolução actual do mundo está a empurrar-nos. As massas africanas vão empurrar-nos. As desgraças e as dificuldades vão obrigar-nos a encontrar as verdadeiras soluções para os verdadeiros problemas.

As verdadeiras soluções são a utilização comum dos recursos humanos e naturais de que o nosso continente é rico, a organização da unidade política da África. Depois deve-se implementar uma melhor governação, ao mesmo tempo inspirada pelas nossas tradições e mais fiéis às regras do jogo do modelo democrático ocidental moderno. Ser-nos-á cada vez menos permitido fazer batota com as realidades. No modelo democrático moderno, há eleições livres e transparentes,

uma divisão dos poderes, dos contra-poderes, dos controlos aos quais os dirigentes não se podem subtrair.

É esta a lei do género e se as elites que pretendem dirigir não querem conformar-se a elas, de sua própria vontade, as circunstâncias vão obrigá-los a fazê-lo.

CB. Fomos todos um pouco influenciados pela Aventure ambiguë que é um texto com ressonâncias ainda agora actuais. Sobre as questões que abordámos hoje, qual é o personagem que desajaria fazer falar hoje? A qual deles daria a palavra?

CHK. Samba Diallo foi privado da palavra por um personagem que é o Louco. Reflectindo nisso *à posteriori*, eu digome a mim próprio que o Louco era um pouco uma espécie de prefiguração do conservadorismo, das formas de integrismo ao mesmo tempo religiosos e culturais que apareceram desde então. Pense no que se passa com essas formas de integrismos religiosos muçulmanos ou cristãos, ou de integrismos culturais, a coberto dos quais viu-se seitas ou obediências sectárias pretenderem opor-se a métodos modernos de administração da justiça, da lei, do direito. Tinha assim pressentido esses riscos que nos ameaçam. O assassinato de Samba Diallo era um pouco uma espécie de advertência às elites modernas. Se era preciso dar a palavra a um personagem de *L'Aventure ambiguë*, esse personagem seria a *Grande Royale des Diallobé*. Ela teria lembrado às elites o seu dever de aprender com os “outros” a arte de vencer, quer dizer a ciência, a técnica, os meios do progresso ao mesmo tempo que o seu dever de fidelidade à sua cultura e à sua identidade. Ela não teria gostado que, indo ter com o outro para aprender, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, eles esquecessem o que eles são e de onde eles vêm.

Dakar 14 de Setembro de 2007